

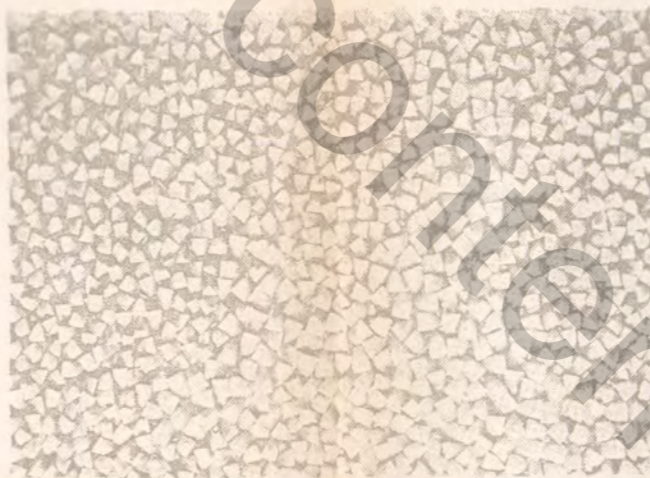
A ARTE ESTÁ EM ALTA

CELINA LUZ

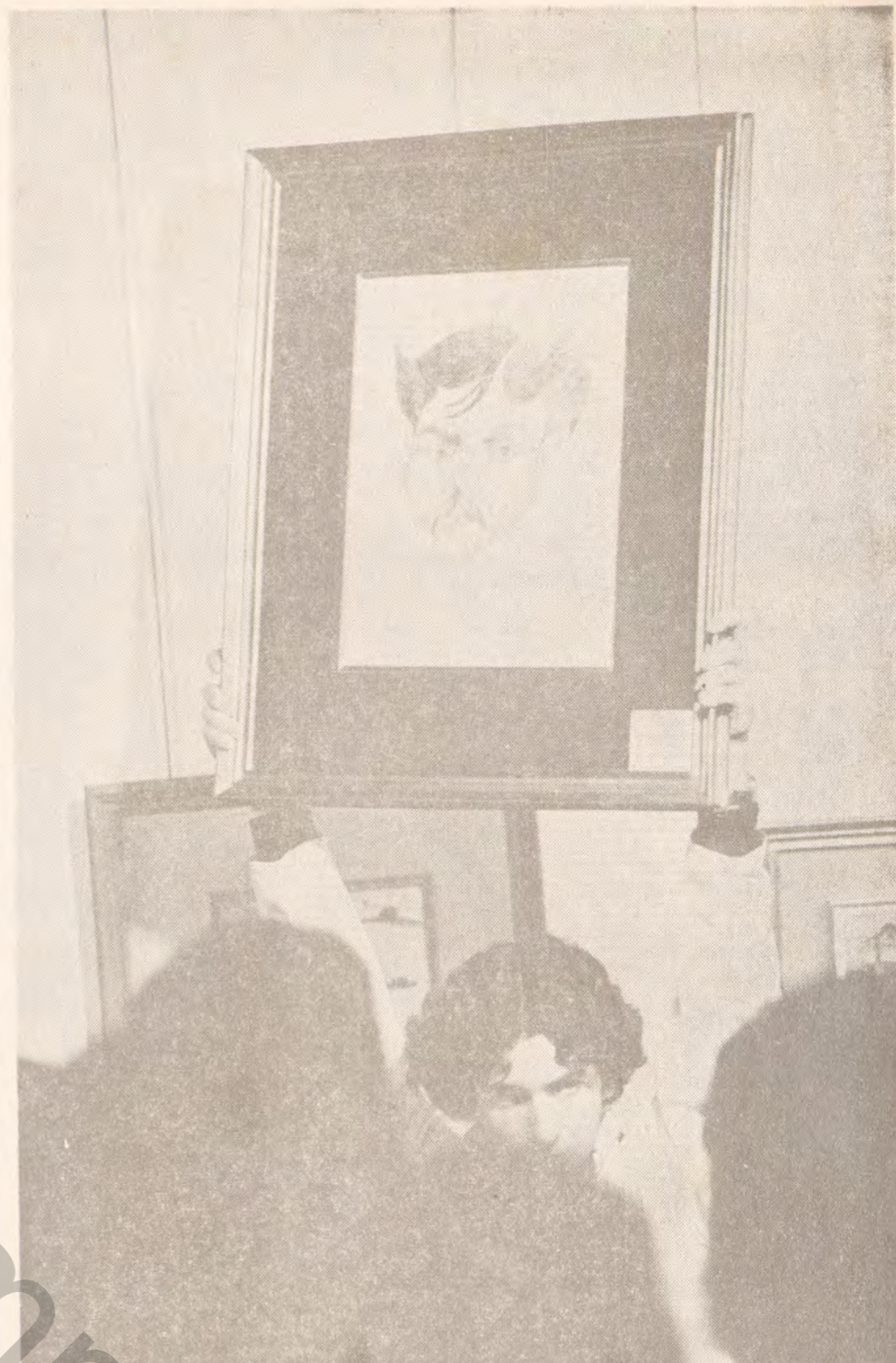


Picasso é um caso à parte no mundo das artes, com preço alto assegurado

As obras de arte moderna são as mais procuradas. As bem antigas estão começando a ganhar prestígio comercial. Entre as duas tendências, situam-se todas as outras. E o mercado brasileiro de arte se agita, com a abertura de novas galerias e muitos leilões de quadros se realizando. Nelles, obras de nossos artistas estão conseguindo preços fabulosos. A inclusão de um óleo de Picasso, no valor de US\$ 100 mil, no leilão que a Bolsa de Arte do Rio encerra hoje em S. Paulo, revela para o público a vitalidade desse mercado. A queda da Bolsa de Valores tem algo a ver com isso, mas o que pesa é a descoberta dos valores artísticos permanentes



Sérgio Camargo tem tanto prestígio no Brasil quanto no exterior



Nos leilões, os quadros são anunciados como qualquer outra mercadoria

— Existe uma tendência geral de elevação permanente dos preços dos objetos de arte, explicada por um princípio econômico de oferta e de procura — diz o Sr. Stanislas Barcinski, proprietário de galeria de arte em Botafogo, há muitos anos *marchand de tableaux* e lançador de artistas como Manabu Mabe e Ivã Freitas. — A obra de arte — continua ele — é de oferta limitada, pois quando aumenta a procura de automóveis, por exemplo, a fábrica acelera a produção. Mas quando aumenta a procura de obras de um artista, a oferta vai ficando cada vez menor, principalmente se ele já morreu.

Característica normal de qualquer época e qualquer mercado, essa lei está muito mais ativa, desde algum tempo, no

mas, como envolvem milhões, podem promover, repentinamente, o *estouro* de algum artista, e chamam a atenção do público.

— Alguns quadros de muita qualidade não despertam interesse — afirma o Sr. Barcinski — e de repente aumentam, no Brasil ou no exterior. Isso aconteceu com os impressionistas, cujos preços quintuplicaram depois da guerra. O essencial no mercado de arte é a qualidade. Ela sempre terá valor e as pessoas que se interessam vão sempre adquirir obras dos artistas que a possuem.

A PARTICIPAÇÃO GERAL

Tendo instalado sua Galeria da Pra-

onde os muito altos também são pagos — e nas galerias. De maneira geral, os que fizeram dinheiro na Bolsa de Valores, vão aos leilões, porque é o mesmo ambiente, onde se ganha dinheiro. É mais empolgante do que comprar numa galeria, nesse caso. Freqüento leilões, a negócios. Para compras pessoais prefiro galerias, antiquários.

Mas, em matéria de leilão e preços, há todo um processo. A Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, por exemplo — onde na quarta-feira a presença de um óleo de Picasso provocou oferta inicial, confirmada pelo candidato comprador, de 400 milhões — costuma trabalhar só com o b r a s de terceiros, mediante comissão variável. O mecanismo, então, é o seguinte: o comprador tem a opção de comprar

porque é um investimento bem mais seguro. Quando seu valor não sobe na proporção prevista, também não cai nunca em proporção imprevista; em geral, permanece estável.

— O que existe no mercado de arte é uma certa flutuação — diz o Sr. Barcinski — representada por uma parada de aumento ou uma ligeira baixa. Mas a tendência do ano passado para este, foi de aumento de obras de arte. Com a queda da Bolsa de Valores, o surto do mercado de arte, que já se fizera sentir antes e estava em compasso lento, recomeçou com mais força. Não foi o aumento, então, da Bolsa de Valores, e sim sua queda a responsável por isso. Durante a euforia é que houve retração.

UM MERCADO CRESCENTE

O Anuário de Vendas de Arte no Brasil, editado neste ano pela Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, revela cotações atingidas por obras de arte em leilões realizados no ano passado. Desde então houve altas sensíveis de determinados artistas, inclusive as provocadas por fatores alheios ao valor artístico. Levando-se em conta as flutuações existentes, estes números podem fornecer uma idéia de como está o mercado:

Óleo de Portinari, de 74x60

Característica normal de qualquer época e qualquer mercado, essa lei está muito mais ativa, desde algum tempo, no mercado brasileiro. Todos notam uma movimentação febril quanto às artes plásticas, com a realização de vários leilões em que certas obras atingem preços fabulosos, de exposições mensais ou mesmo quinzenais, de exposições itinerantes ou grandes retrospectivas nos museus das principais cidades. Isso, sem falar no número de galerias novas que estão abrindo e das que estão se mudando para ampliar suas instalações.

A MESMA EUFORIA

Essa intensificação do mercado de arte em um país novo está sendo explicada por muitos críticos como consequências da queda da Bolsa de Valores. A mesma euforia que ela acarretou há um ano, estaria tomando agora conta do mercado de artes plásticas. A expansão existe a tal ponto que o público em geral, aquele que ignorava — por razões várias — a existência desse tipo de investimento, está tendo sua atenção atraída. Afinal, a Bolsa de Valores criou hábitos que se generalizaram e que até originaram a criação da Bolsa de Arte do Rio de Janeiro aberta no mês de maio de 1971, ainda na época da alta das ações, justamente para capitalizar o nome e suas implicações subjetivas.

Embora os tradicionais compradores de obras de arte sejam motivados pelo gosto, pelo amor e o consequente conhecimento do assunto, não é só o prazer proporcionado pela aquisição de um bom quadro, escultura ou objeto, que os impulsiona. Como diz o Sr. Barcinski:

— Quando se ultrapassa um certo algarismo, não se pode comprar só por prazer. Quem gasta importância grande, pensa fatalmente que o objeto pode um dia servir pelo seu valor. Mesmo o cliente de galeria age assim, embora muito menos que o cliente de leilão.

Porque existe uma diferença, sutil ou não, entre os compradores de galerias e de leilões. Os primeiros são os que gostam de ter tempo para escolher, examinar, voltar, levar o quadro para casa. E que não costumam decidir em minutos sobre o preço a pagar por determinada obra.

Mas acontece que alguns quadros atingem em leilões preços astronômicos que nem sempre correspondem ao valor real da obra. São duas possibilidades: ou se trata de uma manobra de alguém interessado na alta de determinado nome, cujos trabalhos foram sendo adquiridos e que posteriormente aparecerão, assim valorizados, no mercado, ou então, como aconteceu recentemente com um quadro que quase alcançou os 300 milhões antigos num leilão, é uma disputa entre duas famílias, ambas muito ricas e com disponibilidade de bilhões. Conseguir aquele quadro se tornaria até um problema de afirmação — é uma hipótese — de status social e econômico.

Fatos como esse, ocorridos em nosso mercado, não são a tônica permanente,

A PARTICIPAÇÃO GERAL

Tendo instalado sua Galeria da Praça, há pouco mais de três anos, na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema — antigo atelier de José Paulo Moreira da Fonseca, que o cedeu — o baiano Luis Caetano realizou sua primeira exposição — de artistas não baianos — tempos atrás, na residência de Jenner Augusto, em Salvador. Vendeu tudo. Sua galeria está de mudança agora para um prédio de quatro andares, na Rua Joana Angélica — onde três ficarão reservados para exposições. Ele, como outros *marchands*, participa de leilões realizados pela Bolsa de Arte ou pela Petite Galerie, e promove também, nesta última, o Aquarius — que em setembro será o de número três — comandado pelo leiloeiro Ernani.

— Atuando assim em outros leilões, antes mesmo de fazê-los, um proprietário de galeria não pode se ressentir de sua existência. Tenho trabalhado com uma série de artistas que me deram suporte maior, que entregavam seus quadros diretamente para mim. Mas além deles, brasileiros, que são importantíssimos para nós, agora neste próximo leilão, haverá algumas obras estrangeiras, propriedade de brasileiros que querem se desfazer delas.

Mais de 15 quadros de Portinari, 10 Ismael Neri entre os brasileiros; um André Derain, com *expertise* de André Pacitti (um dos maiores do mundo), um Lurçat, com *expertise* de J. J. Stiebel, um desenho de Toulouse Lautrec, com *expertise* de Paul Caillac, uma aquarela de Bernard Buffet, com identificação do próprio artista e *expertise* de seus *marchands* David e Garnier e dois André Lotte, com *expertise* de Claude Bellier, entrarão nele.

— O mercado de arte tornou-se um fato autêntico — diz Luís Caetano. Há disputa, concorrência, tanto entre os *marchands* como entre os compradores, para a aquisição de boas obras. Encontrar bons Portinari, Dacosta, Guignard, não é fácil. E só um colecionador abrir mão de uma obra dessas que os outros colecionadores e os *marchands* vão em cima com força total.

Quanto à questão de preços dos quadros brasileiros, diz Luís Caetano:

— Criar paralelo com o exterior é ridículo. Mas também não existe essa alta tão absurda e tão decantada. O que existe é muita publicidade a respeito de alguns casos isolados. Quanto ao geral, acho muito justo que um bom Portinari custe os 180 e os 200 milhões, bons Guignard e Pancetti entre os 30 e 40 milhões. Afinal, quem quer um Mercedes-Benz não paga por volta de 200 milhões pelo carro? Aliás, voltando aos artistas, é sabido que sendo bons, suas obras têm possibilidades de valorizar até 40% ao ano.

— Com relação a preços altos — diz o Sr. Barcinski — a realidade é o preço alcançado. E em leilão, especialmente, tudo pode acontecer. Em dia de chuva ou problema político, coisas de grande valor são vendidas por um preço baratíssimo. A questão de preços difere no leilão —

com mais força. Não foi o último leilão, da Bolsa de Valores, e sim sua queda a responsável por isso. Durante a euforia é que houve retração.

Quanto às cotações, Portinari, por exemplo, está com preços impossíveis; Volpi, do ano passado para este, talvez duplicou de preço, pois só nos últimos meses subiu uns 40%.

Outro, cuja subida vem-se processando lenta e inexoravelmente desde o lançamento, é Manabu Mabe. Foi a Galeria Barcinski que promoveu sua primeira exposição individual, em 1959, antes da Bienal de São Paulo. Mantido como contratado pela Barcinski e lançado no mercado americano, o artista vende e bem. O mesmo aconteceu com Ivã Freitas, que depois foi para Nova Iorque. Até um jovem inglês, hoje cotadíssimo na Europa, Martin Bradley, foi descoberto pelo Sr. Barcinski, que afirma ser Di Cavalcanti quem obtém os melhores preços atualmente.

A EXPANSÃO DO MERCADO

— Dentro do processo de queda da Bolsa de Valores, muita gente começou a comprar obras de arte — confirma Luís Caetano. — Quadros estão sendo negociados diariamente, mas dentro de um sistema de financiamento que facilita tudo. E são negociados os de preço razoável. Vender 10 Portinari por mês é coisa que não existe. Nem por ano, talvez. Mas o público está muito mais atento ao fato cultural: jornais, revistas e filmes estão sempre mostrando obras de arte. A situação é magnífica para o comprador. Então as obras de valor saem pelo preço justo e as que não são boas não saem pronto.

Mas ainda é cedo — continua — para fazer julgamento sobre os fatos. Se daqui a um ano houver a mesma liquidez atual, é bom sinal. Obra de arte não é investimento do tipo compra de manhã, vende de tarde. Existe um *boom* no mercado, mas não acho que seja só por questão de bolsas. A comunicação do mundo atual também é muito responsável.

Afinal, os que investiram em ações — e deu certo — compraram quadros com os lucros. Os que investiram, sem resultado, preferem agora, comprar quadros



Vicente do Rego Monteiro teve seus quadros valorizados depois da morte

com mais força. Não foi o último leilão, da Bolsa de Valores, e sim sua queda a responsável por isso. Durante a euforia é que houve retração.

Quanto às cotações, Portinari, por exemplo, está com preços impossíveis; Volpi, do ano passado para este, talvez duplicou de preço, pois só nos últimos meses subiu uns 40%.

Outro, cuja subida vem-se processando lenta e inexoravelmente desde o lançamento, é Manabu Mabe. Foi a Galeria Barcinski que promoveu sua primeira exposição individual, em 1959, antes da Bienal de São Paulo. Mantido como contratado pela Barcinski e lançado no mercado americano, o artista vende e bem. O mesmo aconteceu com Ivã Freitas, que depois foi para Nova Iorque. Até um jovem inglês, hoje cotadíssimo na Europa, Martin Bradley, foi descoberto pelo Sr. Barcinski, que afirma ser Di Cavalcanti quem obtém os melhores preços atualmente.

Na *accrochage* de inverno que a Barcinski inaugura hoje, há obras de Sérgio Camargo (que mora em Paris e vende muito na Europa e Estados Unidos), Vicente do Rego Monteiro, um nome em alta, Mabe, Bandeira, Djanira, Iberê Camargo e um pequeno óleo de Renoir com toda a documentação autenticada. O proprietário da Galeria acredita que a próxima alta se dará com os abstratos brasileiros.

A VOLTA ÀS ORIGENS

E uma nova tendência está começando a se evidenciar, voltando-se para o passado. Advogado apreciador de arte, Luís Buarque de Holanda tomou a decisão, quase um ano atrás, de mudar de atividade. Colecionador que, desde garoto, procurava coisas relativas ao Brasil, pintores brasileiros, constatou serem os antigos os que mais interessavam no estrangeiro:

— Séria um crime contra o patrimônio tirá-los do país. Estou interessado basicamente no mercado brasileiro e na redescoberta de pintores antigos brasileiros. Nós ficamos com preconceito contra a arte acadêmica e esses quadros foram esquecidos. Além dos conhecidos Castagnetto e Batista da Costa, procuro outros. Gosto de tudo o que seja bom, mas quero trabalhar em faixa de mercado de arte não muito explorada. Quero descobrir campo novo — inclusive estrangeiros que pintaram aqui — redescobrir gente, mas lançando também. Existe um mercado para esse tipo de arte. O número de colecionadores está aumentando. Os pintores mais famosos estão com preços altíssimos e produção limitada.

— Visconti — continua — redescoberto há dois anos, está tendo uma alta incrível. Agora estão redescobrendo Sigaud. É uma tendência que ocorre em todos os países da Europa, nos Estados Unidos e até na África e Austrália. Fatalmente acontecerá no Brasil. Tenho trabalhado com galerias européias e entrado em leilões internacionais. Mas meu negócio é ficar contente.

Descrição	Preço
Óleo de Portinari, de 74x60	Cr\$ 63.000,00
— maio	
Óleo de Portinari, de 65x54	Cr\$ 90.300,00
— novembro	
Óleo de Vicente do Rego Monteiro, de 83x54	Cr\$ 25.200,00
— maio	
Guache de Segall, de 26,5x33,5	Cr\$ 21.210,00
— maio	
Óleo de Pancetti, de 47x62	Cr\$ 31.500,00
— outubro	
Óleo de Dacosta, de 73x60	Cr\$ 36.750,00
— dezembro	
Óleo de Di Cavalcanti, de 61x50	Cr\$ 30.975,00
— outubro	
Óleo de Israel Neri, de 38x46	Cr\$ 13.650,00
— maio	
Têmpera sobre tela de Volpi, 100x70	Cr\$ 10.185,00
— dezembro	
Óleo de Volpi, de 32x54	Cr\$ 31.500,00
— dezembro	
Pintura e caseira de Sigaud, 38x46	Cr\$ 7.350,00
— novembro	

CADERNO

B